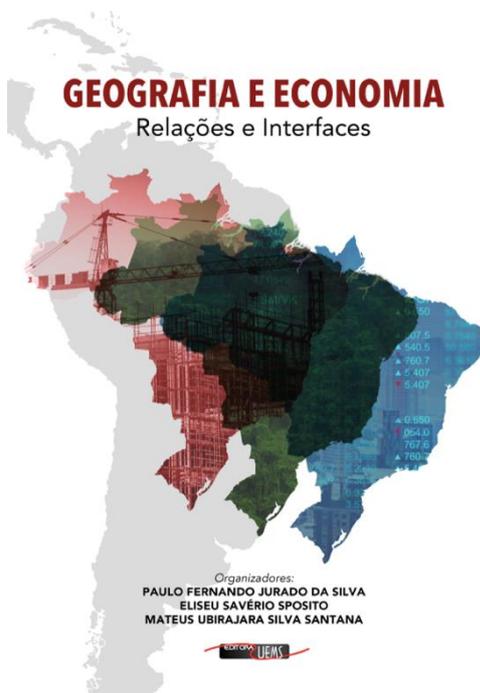


RESENHA

GEOGRAFIA E ECONOMIA: RELAÇÕES E INTERFACES

Lisandra Pereira Lamoso¹

SILVA, Paulo Jurado; SPOSITO, Eliseu Savério; SANTANA, Mateus Ubirajara (orgs.). **Geografia e Economia: relações e interfaces**. Campo Grande: Editora da UEMS, 2019.



Sempre que me deparo com as páginas em branco que esperam por palavras e ideias lembro do poema “O Lutador”, de Carlos Drummond de Andrade, que começa com “Lutar com palavras é a luta mais vã”. Talvez seja ainda mais difícil quando se trata da elaboração de uma resenha, porque a responsabilidade se estende pelas considerações que serão feitas a uma obra, neste caso, ao texto de vários autores.

Diria que “Geografia e Economia: relações e interfaces” é uma coletânea robusta porque reúne contribuições sobre um eixo estruturante, muito bem expresso em seu título. Não poderia ser mais oportuno, quando a conjuntura nacional (e internacional) está repleta de falsas e pós-verdades e nos deparamos, a todo momento, com um volume de informações que dificulta distinguir o que é falta de informação do que são mentiras oportunistas, inclusive proferidas por ocupantes de cargos de elevada responsabilidade social. Institutos com reconhecida tradição e competência na produção de informações sobre o território brasileiro tem sido deliberadamente desmoralizados e desacreditados. Poderíamos citar o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

¹ Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Docente no Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados/MS. E.mail: lisandralamoso@ufgd.edu.br. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/5623881752715097>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5705-3280>

(INPE) e, tão caro aos geógrafos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sem contar os desafios que estão postos às instituições de ensino superior.

Neste cenário adverso, os pesquisadores reagem da forma mais digna possível, apresentando os resultados de suas pesquisas, feitas com ou sem fomento de agências e, certamente, empregando muito compromisso pessoal, em valores incalculáveis monetariamente.

No caso desta obra, o sumário, por si só, é um convite aos pesquisadores destes temas, sendo ou não da geografia e, ousaria dizer, ainda mais se forem de outras áreas porque todos os textos explicam didaticamente, com atualizada bibliografia, os resultados de suas reflexões. Vale um registro, o livro está no formato ebook, disponível no link http://www.uems.br/assets/uploads/editora/arquivos/1_2020-03-03_10-18-49.pdf, o que já significa uma democratização do acesso e torna a Editora da UEMS merecedora de elogios.

No ano de 2010, Alicia Lindón e Daniel Hiernaux, da Universidade Autónoma Metropolitana, (México), publicaram o livro “Los Giros de la Geografía Humana”, no qual vários autores foram convidados a apresentar o estado da arte de diversas disciplinas. O termo “Giros” me veio à memória, quando concluí a leitura de “Geografia e Economia: relações e interfaces”. Neste caso, os “giros” vão permeando, densamente, diversos temas: Teoria Econômica, Finanças, Comércio, Franquias, *Marketing*, Informação, Inovação, Agronegócio, Industrialização, Transportes, Planejamento Urbano, Meio Ambiente e, comprovando sua atualidade e pertinência, um capítulo sobre Amazônia.

Este conjunto de discussões auxilia na composição da bibliografia obrigatória de diversas disciplinas do Ensino Superior, principalmente para Geografia Econômica, Geografia das Indústrias, Geografia dos Transportes, Geografia do Comércio e outras derivações, de acordo com cada projeto pedagógico. Ajuda, também, os orientandos de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e vestibulandos em geral, além do diálogo com os pesquisadores não-geógrafos.

Muitas vezes, como é de se esperar, não é uma leitura fácil. As relações e interfaces, como afirma o título, inauguram o livro com discussões teóricas repletas de questões e críticas. Em 1994, Ron Martin publicou o capítulo “Teoria Econômica e Geografia Humana”, no livro “*Society, Space and Social Science*” no qual afirmava não restar dúvida que, “no início dos anos 80, a ‘virada marxista’ influenciara a orientação empírica e teórica de grande parte da geografia humana e expusera o assunto a importantes diálogos entre o marxismo e outros discursos, com

teoria crítica e social”. Esta orientação, quase hegemônica, que chegou render muitas adjetivações de “determinismo econômico” é debatida, ainda que indiretamente, nesta coletânea organizada por Jurado, Spósito e Santana.

Nesta obra, percorremos desde a questão de Jurado (“Uma nova Geografia Econômica?”), às reflexões de Lamberti e Gama, que recuperam o clássico economista Joseph Schumpeter, entre desenvolvimento e crescimento, e o espanhol Vazquez Barquero, referência sobre desenvolvimento endógeno. Um caminho entre clássicos e novas perspectivas. Entre pontes e caminhos, o capítulo de Cruz lembra que “Cada período fabricou as coerências internas de cada formação social ao estabelecer a distribuição de poder e influência entre seus membros.” Este me parece ser um apoio estruturante para a leitura da geografia econômica no território brasileiro.

Destacaria a atualidade das reflexões sobre a indústria, pois é a atividade que mais tem regredido com os resultados de políticas econômicas ineficientes ou inadequadas. O tema abre a possibilidade, bem explorada, de abordar os processos de reestruturação produtiva. Não é demais lembrar que a base física da produção não pode ser deixada de lado e Edilson Pereira Junior o faz com propriedade, incluindo o espaço enquanto instância de análise (como nos ensinou Milton Santos), quando afirma que “o espaço não se apresenta apenas como uma ferramenta em prol dos interesses da acumulação. Ele também tende a ser apropriado a partir de fundamentos de libertação do imperativo da financeirização, no contexto de uma transformação econômica e política que proponha mais equidade socioeconômica.”

Os capítulos apresentam resultados de pesquisas trazendo diversos temas, como: comércio internacional (internacionalização de empresas, cadeias globais de valor, capitalismo de acionistas, competitividade, comunicação, inovação, agronegócio, circulação, franquias, *marketing* imobiliário, habitação, meio ambiente e valoração ambiental. São vinte e sete autores cobrindo um amplo espectro do conhecimento, preenchendo lacunas e atualizando informações, sempre com suas respectivas bases conceituais.

Para finalizar, uma observação crítica, porque sempre é possível apresentar uma, fez falta um capítulo que trouxesse a Geoeconomia de forma mais contundente. Além da Economia, as relações para compreensão do mundo não mais se fazem sem considerarmos também esta perspectiva.

Recebido em 22 de junho de 2020.

Aceito em 20 de julho de 2020.

Publicado em 26 de agosto de 2020.